

INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ESTABELECENDO UM DIÁLOGO

Luiza Pinheiro Fuchs Ramos¹, Amanda Rinnert², Luiza Góes³, Daiane Dordete Steckert Jacobs⁴.

1. Acadêmica do curso de Licenciatura em Teatro - CEART - bolsista PROBIC/UDESC.

2. Acadêmica do curso de Licenciatura em Teatro - CEART - bolsista PROBIC/UDESC.

3. Acadêmica do curso de Licenciatura em Teatro - CEART - bolsista PROBIC/UDESC.

4. Orientadora, Departamento de Artes Cênicas - DAC - CEART - ddordete@gmail.com

Palavras-chave: Voz. Teatro Narrativo. Feminismo.

Este resumo é um relato da experiência vivenciada no projeto de pesquisa *Vocalidades Performativas no Teatro Narrativo Feminista*, coordenado pela Profa. Dra. Daiane Dordete, do qual participamos como Bolsistas de Iniciação Científica do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Essa pesquisa iniciou no segundo semestre de 2018, com as acadêmicas Amanda Rinnert, Luiza Fuchs e Arthur Rogoski¹, e posteriormente com a entrada da acadêmica Luiza Góes. Nesse semestre realizamos a leitura e discussão do livro de teoria feminista *Gênero: conceitos-chave em filosofia*, de Tina Chanter², e da tese *Possível Cartografia para um corpo vocal queer em Performance*, de Daiane Dordete. Realizamos ainda o levantamento e a catalogação de outras obras de teoria e literatura narrativa encontradas e identificadas como feministas pelo grupo. No semestre seguinte, iniciamos a pesquisa prática com contos que catalogamos nessa investigação. São eles: *Amora*³, de Natália Borges Polezzo⁴ e *Maria*⁵, de Conceição Evaristo⁶. Assim, este resumo é escrito por todas nós para registrar a trajetória de nossa pesquisa, que inicia com um breve levantamento bibliográfico de obras feministas, desencadeando algumas experiências práticas de teatro narrativo feminista. Nesse texto irei me debruçar sobre nosso primeiro semestre de trabalho. Momento em que nos focamos em leituras que pudessem fundamentar nossas futuras pesquisas com a perspectiva de encontrar um diálogo em comum. Nossas reuniões eram estruturadas como debates sobre as leituras realizadas.

Assim, começamos lendo a tese de doutorado da Profa. Dra. Daiane Dordete Steckert Jacobs *“Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance”*. Onde Daiane associa a prática realizada no processo de criação da peça *Pequeno Manual de Inapropriações*, com a pesquisa teórica que questiona e problematiza as relações entre vocalidade e gênero. Após a

¹ Arthur Rogoski se formou no segundo semestre de 2018, sendo então substituído pela acadêmica Luiza Góes.

² Filósofa feminista americana contemporânea.

³ POLESSO, Natália Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015, p. 149-156.

⁴ Mestre em Letras pela Universidade de Caxias do Sul, autora de dois livros de contos premiados, sendo um deles - *Amora* - sobre o amor lésbico.

⁵ VARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 39-42.

⁶ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, autora de contos e poemas, deu origem a série *Cadernos Negros* e aborda a temática da negritude em suas obras.

leitura, quando nos encontramos para debater os pontos principais, me recorro de discutirmos primeiramente a questão do corpo *queer* e como a voz poderia questionar esse lugar. A pesquisadora explica:

A teoria *Queer* é um campo de estudos que surge a partir da terceira onda feminista, e que abrange estudos sobre gêneros não heteronormativos(gays, lésbicas, transexuais, transgêneros, etc.)questionando as construções culturais de discursos sobre sexo e gênero, e seus reflexos na sociedade e na política. (JACOBS, 2015, p. 44)

Partindo desse pressuposto, Daiane espelha esse conceito na investigação da voz na cena. Pensando nas vocalidades como construções e associações que se formam da interação entre o meio e o sujeito(JACOBS, 2015, 59). Então se nossas vocalidades são construídas de acordo com padrões, como podemos subvertê-las?

Desta forma, percebemos que precisávamos também compreender quais eram essas tais influências e como elas agiam. Na tese, estudamos em parte a história do movimento feminista, que é dividido em três ondas, sendo a primeira marcada pela luta de mulheres pela igualdade de gênero e a segunda protagonizada pela luta para o fim da discriminação pautada em diferença sexual(JACOBS, 2015, p. 39). A terceira onda foi a que mais nos interessou por justamente iniciar o questionamento dos gêneros e desse modo, se refletiu na prática realizada pela escritora. Uma pesquisadora importante para essa fase é Judith Butler citada por Daiane:

Butler (2003) convida à discussão sobre a materialidade do corpo e a performatividade do gênero(...) Citando Austin, a filósofa afirma que “[...] o performativo é a prática discursiva que promulga ou produz aquilo que nomeia.”(BUTLER, 1998, p.283). Deste modo, discursos são legitimados como práticas, e representações de gênero são naturalizadas como identidades sexuais. (JACOBS, 2015, p.41)

Com essa citação, introduzimos a ideia de performance, com a noção de que os gêneros são construções feitas a partir dessas performances. A teoria *Queer* vem então para questionar tais construções há tanto tempo naturalizadas. Pensando que essas performances operam em todo nosso cotidiano, nossas vozes também são afetadas. A partir dessas conclusões, o trabalho começa a se focar na investigação de como nossas vocalidades são influenciadas e como podemos questionar esses padrões. Seguimos com a pesquisa e nossa leitura seguinte foi o livro *Gênero. Conceitos chave em Filosofia* de Tina Chanter. Nesse momento foi importante darmos enfoque para as questões interseccionais do feminismo. Pensando nas diferentes pessoas que fazem parte desse movimento e a forma que os fatores de gênero, classe e raça interferem nessas teorias, podendo assim abordar diversas perspectivas. A filósofa escreve, na página 31, que a melhor maneira de lidar com essas diferenças é considerá-las entrelaçadas, e não como se pudéssemos acrescentar uma a outra. Assim, foi importante considerarmos nossos lugares de fala, e as diferenças de cada integrante desse grupo, sendo mulheres brancas, cis, lésbicas, bissexuais ou heterossexuais.

Ainda durante essa pesquisa separamos linhas de interesse, onde cada uma de nós ainda escolheu alguns livros para ler, assim pudemos agregar nossas discussões. Passamos pelos seguintes títulos: *O mito da beleza*, de Naomi Wolf, *Quem tem medo do feminismo negro* e *O que é lugar de fala?*, de Djamila Ribeiro, *Para educar crianças feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie e *Teoria King Kong*, de Virginie Despentes. Logo, conseguimos discutir diversas questões básicas para que pudéssemos alimentar as práticas que viriam depois. Mais importante ainda, para que continuássemos nos questionando sobre o meio em que nos encontramos e como subverter tais engendramentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- POLESSO, Natália Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.
- CHANTER, Tina. **Gênero: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozie. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Editora Companhia das Letras, 2017.
- JACOBS, Daiane Dordete Steckert. **Possível Cartografia para um corpo vocal queer em Performance**. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2015.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Editora Companhia das Letras, 2018.
- DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Literatura Random House, 2018.